



O Advento não deve ser mundano.

O tempo do Advento tem “três dimensões”: passado, futuro e presente. Celebrando a missa na capela da Casa Santa Marta (03/12/2018), o Papa Francisco recordou que o Advento é o tempo propício “para purificar o espírito, para fazer crescer a fé com esta purificação”. O ponto de partida das reflexões do Pontífice é o Evangelho do dia (Mt 8,5-11): o encontro em Cafarnaum entre Jesus e um oficial romano, que pede ajuda para o seu servo, paralisado na cama. Também hoje, afirmou, pode acontecer de se “acostumar à fé”, esquecendo a sua “vivacidade”. “Quando estamos acostumados – destacou o Papa –, perdemos aquela força da fé, aquela novidade da fé que sempre nos renova”.

Que o Natal não seja mundano

Na homilia, Francisco ressaltou que a primeira dimensão do Advento é o passado, “a purificação da memória”: **“recordar bem que NÃO nasceu a árvore de Natal”**, que certamente é um “belo sinal”, mas recordar que **“NASCEU JESUS CRISTO”**.



Nasceu o Senhor, nasceu o Redentor que veio para nos salvar. Sim, a festa... nós sempre temos o perigo, sempre teremos em nós a tentação de mundanizar o Natal, mundanizá-lo... quando a festa deixa de ser contemplação – uma bela festa de família com Jesus no centro – e começa a ser festa mundana: fazer compras, presentes, isso e aquilo outro... e o Senhor permanece ali, esquecido. Inclui-se na nossa vida: sim, nasceu, em Belém, mas... E o Advento é para purificar a memória daquele tempo passado, daquela dimensão.

Purificar a esperança

Além disso, o Advento serve para “purificar a esperança”, para se preparar “para o encontro definitivo com o Senhor”. Porque aquele Senhor que veio lá, voltará, voltará! E voltará para nos perguntar: “Como foi a sua vida?” Será um encontro pessoal. Nós, o encontro pessoal com o Senhor, hoje, teremos na Eucaristia e não podemos ter um encontro assim, pessoal, com o Natal de 2000 anos atrás: temos a memória do que foi. Mas quando Ele voltar, teremos aquele encontro pessoal. É purificar a esperança.

O Senhor bate todos os dias ao nosso coração

Por fim, o Papa convidou todos a cultivarem a dimensão quotidiana da fé, não obstante as preocupações e os muitos afazeres, cuidando da própria “casa interior”. O nosso Deus, de fato, é o “Deus das surpresas” e os cristãos deveriam perceber todos os dias os sinais do Pai Celeste, o seu falar connosco hoje.

E a terceira dimensão é mais cotidiana: purificar a vigilância. Vigilância e oração são duas palavras para o Advento; porque o Senhor veio na História em Belém; virá, no final do mundo e também no final da vida de cada um de nós. Mas vem todos os dias, em todos os momentos, no nosso coração, com a inspiração do Espírito Santo”.

*Papa Francisco,
homilia proferida na capela da Casa Santa Marta (03/12/2018)*

Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:



Grupo Coral da Catequese

Olá a todos! Quer saibas cantar, tocar um instrumento ou apenas bater as palmas, vem participar também!

Os ensaios decorrem às 6.ªs F às 19:00h no auditório da Igreja. Vem ajudar a comunidade a rezar, cantando connosco! Saudações musicais e votos de um Santo Natal.

*A equipa do
Grupo Coral da Catequese*



Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Paróquia pode utilizar:

**Igreja da
Santíssima Trindade**

Paróquia de Santa Maria
Prç. Francisco Sá Carneiro,
6200-840 Covilhã

(+351) 275 098 215

ig.sant.trindade@gmail.com

Ou pessoalmente na
Secretaria da Igreja.



Igreja da Santíssima Trindade (Paróquia de Santa Maria) | Diretor: Pe. José Dionísio | Preço: 1,00 Badaladas

dezembro | 2019

Editorial

Esta edição relativa ao primeiro trimestre da Catequese remete-nos inevitavelmente para o Advento... Um tempo de espera, de preparação, mas sobretudo um tempo de esperança e de confiança num Deus que nos ama tanto, que decide mergulhar na nossa humanidade, trazendo luz ao mundo na forma de um menino indefeso. É uma luz que vem e brilha no meio da dificuldade. Uma luz que não vem, de forma mágica, resolver as nossas dificuldades, mas que vem, como um sinal de esperança, ajudar-nos a perspetivar os problemas e a perceber que Deus está ao nosso e do nosso lado. Os nossos meninos na Catequese aprendem todos os domingos que Jesus é este Deus de Amor que está sempre ao nosso lado.

No entanto, parece que se eliminarmos o protagonista principal do Natal, este fica completamente vazio, apesar de todo o consumismo. Todos sabemos que esta festa é cada vez mais um instrumento para fins exclusivamente comerciais e hedonistas, reduzindo-a a uma pura exterioridade. Confundimos e substituímos o “fim com os meios”. Devemos fazer festa porque Jesus vem até nós; fazer festa porque habitados por Jesus; fazer festa porque queremos levar Jesus aos outros. Os artigos que teremos oportunidade de ler ao longo destas páginas serão motivo de reflexão e de oração.

A essência do Natal é Deus que irrompe na nossa humanidade. A solenidade do Natal do Senhor celebra o memorial desta “invasão” de Deus na história da humanidade e de cada um de nós. Assumindo a forma da nossa natureza humana, Ele eleva-a até ao céu. É isto, somente isto que para todo o crente é motivo de festa e de esperança. A essência de Natal é este Jesus na Manjedoura!

Um Santo Natal

A equipa da Catequese



Nesta edição:

- A Luz que marca em cada partilha.
- Aposta na formação dos catequistas.
- Coroa do Advento.
- Dia de Todos os Santos e dos Fieis Defuntos.
- Palavras de Revelação.
- A Revelação em Maria.
- Algumas curiosidades e respostas às perguntas mais comuns sobre o Advento.
- O Presépio és tu.
- Sínodo dos Bispos: os jovens, a Fé e o discernimento vocacional.
- A Basílica e a Gruta da Natividade.
- “Isso são coincidências...”
- Passatempos.
- O cantinho do Papa: o Advento não deve ser mundano.

A Luz que marca em cada partilha

Há mais de dois mil anos, nasceu em Belém uma Luz que encheu de esperança toda a Humanidade. Hoje o mundo vive entre conflitos, guerras e egoísmos que nos fazem esquecer a mensagem de paz e amor que Jesus nos deixou.

A iniciativa da Luz da Paz de Belém, surgiu como um programa de beneficência com o nome Luz na Escuridão, dedicado a apoiar crianças necessitadas na Áustria. Desde então, todos os anos, uma criança oriunda do norte da Áustria recolhe a Luz na gruta da Natividade em Belém, onde Jesus nasceu.

Este ano, Niklas Lehner, de 11 anos e escuteiro, foi a criança escolhida pelos escuteiros austríacos para ir até à gruta da Natividade em Belém, a 28 de novembro, e acender a candeia que transportará a Luz da Paz de Belém para a Catedral de Linz, onde, no dia 15 de dezembro 2018, será partilhada numa grande cerimónia ecuménica. Delegações escutistas e de guias de toda a Europa participam nessa celebração para levar a Luz aos seus respetivos países, como uma mensagem de Paz. Nas suas terras, os Guias e os Escuteiros depois partilham a Luz e levam-na a outras igrejas, casas particulares, hospitais, residências de idosos, prisões, lugares públicos e de

importância cultural e política ou a qualquer lugar onde seja apreciado o seu significado.

A Luz da Paz de Belém chega à Sé da Guarda no dia 16 de dezembro às 16 horas, de onde partirá para chegar também à nossa comunidade.

Isabel Ferreira, Catequista

Aposta na formação dos catequistas

O Papa Francisco pede aos responsáveis pela transmissão da fé que encontrem a linguagem e os meios adequados para chegar a cada pessoa, realçando a importância de saber escutar na hora de comunicar e convidar-nos a adaptarmo-nos a cada contexto, tal como fazia Jesus.

Para tal, o Departamento Diocesano da Catequese da Infância e da Adolescência da Diocese da Guarda apresentou o Plano de Atividades para o Ano pastoral 2018/2019. "Neste ano voltaremos, de forma particular, o nosso olhar para a dimensão formativa, que nos é especialmente recomendada pelos Bispos portugueses, já aprovado em sessão plenária da Conferência Episcopal Portuguesa", explicou o padre Valter Salcedas, Diretor Diocesano do Departamento da Catequese da Infância e da Adolescência.

Numa primeira fase, o Departamento apresentou o plano a todos os Arciprestados/ conjunto de Arciprestados da Diocese, com a presença do Bispo da Guarda. Esta iniciativa pretendeu dar a conhecer os principais desafios deste Plano e ouvir as preocupações dos párocos, como consta na Carta Pastoral "Guiados pelo Espírito Santo, Igreja em Renovação", emitida pelo Bispo D. Manuel Felício. Este ano o Departamento dará também continuidade ao Curso Geral de Catequese que entra no terceiro de quatro anos.

Susel Fonseca, coordenadora da Catequese

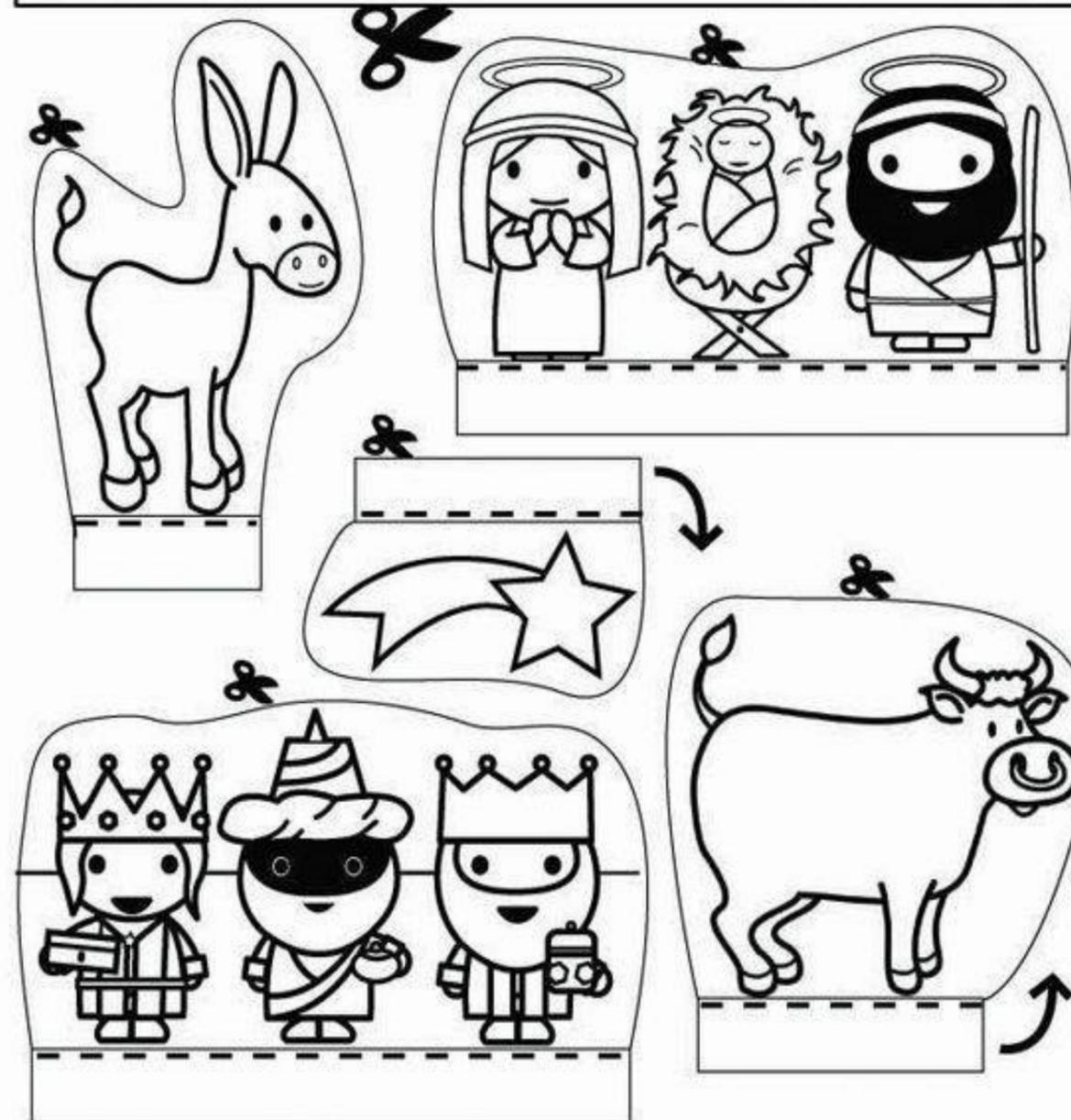


Coroa do Advento

A Coroa de Advento, cujas velas temos vindo a acender durante as Eucaristias do Advento, tem a sua origem na Europa. No inverno os habitantes acendiam algumas velas que representavam a luz do Sol dado que tinham esperança de que a luz e o calor do astro-rei voltaria a brilhar sobre eles e aquecê-los. Com o desejo de evangelizar aquelas almas, os primeiros missionários católicos que lá chegaram quiseram, a partir dos costumes dos da terra, ensinar-lhes a Fé e conduzi-los para Jesus Cristo. Foi assim que, criaram a "coroa do advento", carregada de símbolos, ensinamentos e lições de vida.

No início a Coroa está sem luz, sem brilho, sem vida: ela lembra a experiência de escuridão do pecado. Na nossa comunidade as velas vão sendo acesas em cada domingo do Advento por crianças que frequentam a catequese, ganhando a cada domingo maior intensidade de luz, representando a aproximação da chegada até nós Daquele que é a Luz do mundo.

Pinta, recorta e monta o teu Presépio





Passatempos e galeria de arte



Sopa de letras

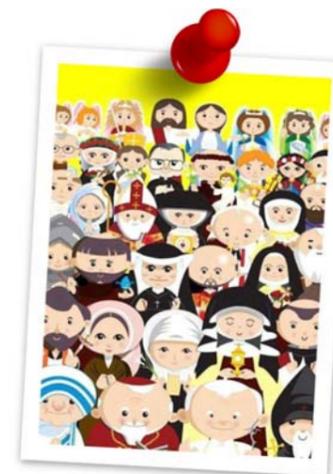
E	S	T	R	E	L	A	D	E	B	E	L	É	M	W	I	G	E	Z	P	I	V	V	K	M
G	B	I	I	X	U	S	H	C	C	O	F	M	U	U	H	Q	J	Z	L	G	B	X	R	E
M	Y	R	I	P	C	C	S	M	A	A	N	V	A	U	X	Q	Z	I	P	A	Y	T	T	N
L	B	M	N	A	B	P	W	M	A	O	U	V	G	R	E	P	I	M	A	G	D	J	B	I
D	G	W	X	T	Y	I	M	L	N	E	O	T	U	N	C	E	D	F	R	D	V	G	H	N
K	A	X	U	L	R	J	K	U	D	K	U	Q	P	H	R	Q	V	C	E	N	V	Z	V	O
A	S	T	R	L	L	A	B	Y	X	K	G	N	H	R	T	R	D	P	V	Q	X	I	E	J
Y	Y	Z	A	H	F	X	L	Y	S	X	A	W	G	M	B	P	H	O	B	N	V	R	U	E
Z	S	T	H	I	I	V	T	D	L	F	W	H	O	R	Z	O	W	T	D	O	S	P	X	S
C	A	I	P	D	G	L	D	J	R	E	O	D	I	L	F	N	N	P	Z	I	J	R	P	U
N	A	S	C	I	M	E	N	T	O	T	J	T	S	H	J	Z	W	P	J	N	O	E	H	S
K	K	I	Y	A	S	O	E	Y	Q	J	M	I	T	Q	B	W	X	W	P	I	G	S	C	X
M	A	R	I	A	H	A	N	I	M	A	I	S	A	P	X	G	J	K	I	K	G	É	A	I
Y	B	L	M	A	V	B	R	K	Y	N	M	T	F	T	D	E	S	E	R	T	O	P	M	S
N	J	O	S	É	U	I	U	M	I	H	I	A	Z	M	Y	E	P	R	S	Y	F	I	E	S
X	B	R	N	C	Q	S	H	S	Q	D	X	H	X	H	Y	X	R	R	J	P	O	L	H	
T	R	Ê	S	R	E	I	S	M	A	G	O	S	R	G	I	G	N	W	R	F	Q	X	O	T



Dia de Todos os Santos e dia dos Fiéis Defuntos

Se cada dia tem um santo para ser celebrado, porque há um dia de Todos os Santos?

A Igreja acredita que todos aqueles que foram beatificados e canonizados estão junto de Deus e por isso vivem a experiência da plena santidade. Mas a Igreja acredita que nem todos os santos foram beatificados ou canonizados. Junto de Deus vivem muitos que ao longo da vida foram aquilo a que o Papa Francisco chama "santos ao pé da porta" (na exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, ou em português, *Alegrai-vos e Exultai*), pais, mães, religiosas, religiosos, sacerdotes, leigos missionários, pessoas solteiras que foram fiéis nas coisas pequenas e grandes da vida, acolhendo plenamente o dom da salvação que Jesus oferece gratuitamente. São esses santos, que não estão nos altares, mas que cruzaram a vida de tantos de nós, deixando a marca de Jesus, que celebramos neste dia. A Igreja alegra-se porque neles se realizou o mistério pascal de Cristo. Entregando como Ele a vida pelos outros são acolhidos plenamente na Sua Glória.



Desde quando se assinala esse dia e porquê no dia 1 de novembro?

No começo da Igreja, a grande devoção dos fiéis era dirigida aos mártires. O que se compreende, porque nesses momentos os cristãos eram fortemente perseguidos e o exemplo dos mártires inspirava fidelidade e perseverança. Assim, nos primeiros séculos do cristianismo, a Igreja do Oriente dedicava um domingo à celebração de todos os mártires. No Ocidente, começou também a celebrar-se a festa de todos os mártires, apóstolos e anjos. Nos começos do século VII, o Papa Bonifácio IV cristianizou o culto pagão de todos os deuses, celebrado no Panteão de Roma, dedicando-o à Santíssima Virgem e aos mártires. Uma vez que essa cristianização do culto pagão aconteceu a 13 de maio de 610, esse dia foi escolhido como a primeira data em que se celebraram todos os santos. A celebração de todos os santos foi-se tornando mais popular e o seu culto foi-se espalhando. Foi então composto um ofício litúrgico próprio para celebração dos santos. Em 737, foi inserido no cânone da missa uma celebração de Todos os Santos. O Papa Gregório IV fixou a festa de Todos os Santos no dia 1 de novembro, no século IX, data que já há algum tempo tinha sido escolhida em Inglaterra para celebrar os santos. Sisto IV daria a esta celebração o estatuto mais importante da Liturgia cristã, passando a ser considerada uma solenidade.

Há alguma tradição tipicamente portuguesa referente a este dia?

Sim. De acordo com a tradição, as crianças saíam à rua e juntavam-se em pequenos grupos para pedir o 'Pão por Deus' de porta em porta: recitavam versos e recebiam como oferenda pão, broas, bolos, romãs e frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas, que colocavam dentro dos seus sacos de pano; nalgumas aldeias chama-se a este dia o 'Dia dos Bolinhos'.



Como podemos viver bem o dia de Todos os Santos?

Uma das formas de viver este dia é celebrar a Eucaristia. Até porque, tratando-se de um dia Santo e de uma Solenidade, a Igreja convida todos os cristãos a participar neste Sacramento. É também um bom dia para recordar todas as pessoas que nos ajudaram a conhecer Jesus e que foram para nós testemunho de santidade, agradecendo a Deus o seu exemplo e celebrando a sua vida. Finalmente, podemos reconhecer que aspetos da nossa vida precisam de ser purificados para sermos mais fiéis à vontade de Deus, servindo gratuitamente os outros.

Porque é que o dia dos Fiéis Defuntos vem logo depois do dia de Todos os Santos?

Porque é a continuação lógica desse dia de Todos os Santos. Depois da alegria com que se celebrou a santidade dos que vivem a plena comunhão com Deus, a Liturgia dedica o dia seguinte à evocação da memória dos Fiéis Defuntos. Estamos também em comunhão com aqueles que, em preparação para verem totalmente a Deus, são ainda purificados do que neles não é amor. Costumamos dizer que estão no purgatório. O início desta tradição está ligado à determinação dada, em 998, pelo Abade de Cluny, Santo Odilão, para que todos os mosteiros da sua ordem evocassem a 2 de novembro todos os Fiéis Defuntos. O costume foi-se generalizando e seria oficializado por Roma no século XIV.

Há alguma ligação entre o Halloween e o dia de Todos os Santos?

O Halloween constitui uma forma abreviada da expressão escocesa *Allhallow-even*, – *eve of all saints*, ou seja, "véspera de todos os santos". Este termo aparece no século XVI, tendo origem numa festa celta, o *Samhain*, que marcava o fim do verão, das colheitas e o começo do inverno. Era também a altura em que os celtas recordavam os seus antepassados. A essa festa celta estavam também associadas comida, doces e máscaras. A emigração de povos de origem celta para os EUA fez com que essa tradição se enraizasse naquele país. Há por isso uma coincidência de nomes, mas a origem e a história de cada uma das festas são distintas.



Palavras de Revelação

A Revelação tem o seu início na Palavra que Deus dirige a Abraão (o Senhor disse a Abraão: “Sai da tua terra [...] para a terra que te mostrarei” (Gn12)). Deus chama Abraão para que ele possa chegar a todos, escolhe um que a todos se dirige. Assim, Abraão vai ter que iniciar uma «viagem imóvel», ou seja, vai experimentar a conversão. Pela conversão, vai «sair de si para si», sendo conduzido e moldado pela sua vocação a ele mesmo. Através do diálogo, Abraão recebe Deus como dádiva, num horizonte universal, diante de todos os povos. É pela dádiva que surge um povo no qual Deus se revela numa «revolução silenciosa aos Homens». Por sua vez, para que Abraão possa chegar a todos, é necessário abrir as portas à novidade da relação com Deus, para chegar à beleza de uma sociedade de comunhão que se fundamenta na solidariedade e se comunica pela linguagem do amor. A salvação vem para todos e tem um começo modesto em Abraão.

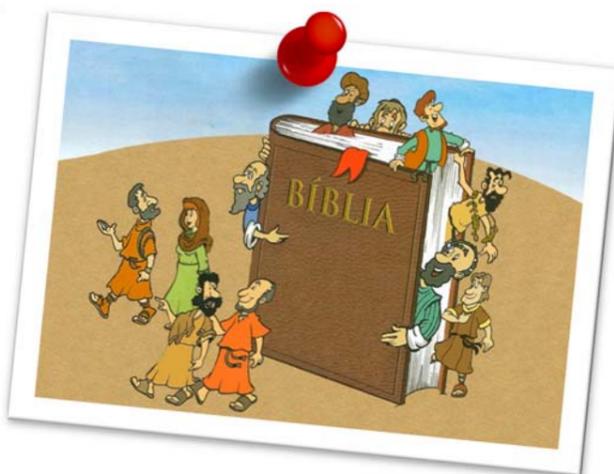


A segunda etapa da Revelação dá-se no acontecimento do Êxodo. Os Israelitas eram um povo oprimido no Egito que ansiava por se libertar. Moisés descobre a presença viva do próprio Deus, na ânsia dos seus compatriotas em se libertarem. Moisés percebe que o Senhor estava presente para apoiar o povo. Javé (Jahweh ou Yahweh) é um Deus que vem de fora do «panteão» Egípcio e por isso, podia questionar a sociedade e o sistema religioso estabelecido. Javé é, pois, um Deus que protege os humilhados e oprimidos. Moisés reúne o povo à volta de Javé a partir da aliança e da lei. Deus revela-se e reserva-se, pois, ninguém tem poder sobre Ele. «O que Ele É, é para Ele», mas dá garantias de fidelidade. Assim, com a vocação do Moisés começa a história do povo de Deus. A pessoa é um sujeito e não um objeto, é um outro “eu”, o que torna possível a relação. Deus faz uma aliança com Moisés e a aliança

implica relação, Deus responde “Eu Sou aquele que é” (Ex 3). É o mistério, porém com garantia de fidelidade. O “Eu Sou” articula-se com o Deus pessoal de Abraão, Isaac e Jacob. A aliança reside em Deus querer que a humanidade faça parte do seu plano de salvação. Deus atua na história e em Moisés, por meio de uma «economia de salvação». Para o povo, a lei é como o «País portátil», ela é necessária para que o povo se defenda dos perigos comuns.

No seguimento de Moisés vêm os Profetas. A Palavra de Deus é dirigida por meio de mediadores. Os profetas vão interpretar a vida do povo a partir da lei e da aliança. O profeta vai ter muitas vezes que chamar o povo à atenção. Este interpreta o tempo e história com recurso à razão, o que faz o povo pensar. O Profeta tem que se apresentar com fidelidade ao País e à sua Religião, bem como com coerência entre a palavra e ele mesmo e claro, tem que se concretizar o que anunciou. A palavra de Deus realiza e por isso, a história, é inteligível, sendo que a palavra do Profeta participa na eficácia da palavra de Deus. Para ligar o povo é necessário a fé e estabelecer uma relação estreita entre as relações sociais e religiosas com o próprio Deus.

Entramos depois na revelação sapiencial. A ciência tem aqui um papel predominante, pois dá conhecimento ordenado e a sabedoria: é a própria vida ordenada, é o caminho para a liberdade. «A sabedoria como dom é caminho para a própria sabedoria», é um saber fazer escolhas no bem. A revelação sapiencial é de nós para Deus, onde o conhecimento importante orienta a nossa vida, para vivermos melhor. O livro de Job apresenta-nos um claro exemplo de uma vivência com sabedoria. Podemos pensar também na revelação cósmica, em que o mundo nos aparece por meio de ordem e, por isso, Deus é Seu criador (tem que existir um Ser ordenador), pela contemplação da criação podemos chegar à própria ideia de Deus, pela fé e pela razão. São por isso os termos fé e razão correlativos e inseparáveis. Deus fala ao Homem e este, porque tem fé, acredita. Como disse João Paulo II: «Israel com a sua reflexão soube abrir à razão o caminho para o mistério».



A Basílica e a Gruta da Natividade

A primeira basílica (da qual resta muito pouco) foi mandada erigir pelo imperador Constantino e, posteriormente, o imperador Justiniano mandou construir uma nova basílica, que se edificou no mesmo lugar da primeira, mas com maiores proporções. Após várias vicissitudes históricas foi concedida aos franciscanos a custódia da Gruta e da basílica, embora detinham também direitos sobre este lugar santo, os ortodoxos gregos, sírios e arménios.

O centro desta grande igreja é a Gruta da Natividade, que se encontra sob o presbitério. O fumo dos círios, que a piedade popular colocou durante gerações e gerações, enegreciu as paredes e o teto. Há ali um altar e, por baixo, uma estrela de prata que assinala o lugar onde Cristo nasceu da Virgem Maria. Está acompanhada por uma inscrição, que reza: *Hic de Virgine Maria Iesus Christus natus est*. A porta que dá para a Basílica da Natividade, em Belém, é pequena e tão baixa que só se pode entrar curvando-se à altura de uma criança (aparentemente foi feita assim para evitar a entrada de intrusos e de animais, que abundavam por ali, na época da sua construção).

Esta porta é uma lembrança e um convite: Lembra que o Natal é o abaixar-se do Altíssimo que visitou o seu povo, fazendo-se tão pequeno, à medida da nossa estatura. É também um convite a pôr-se numa posição de pequeno: Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino dos Céus.

Todo aquele que por esta porta entra, humilha-se e ajoelha-se. Esta atitude de oração é o efeito da contemplação da Sagrada Família. Toda está em oração. A Virgem Maria, segundo a tradição, está de joelhos. São José igualmente recolhido e o Menino, de braços abertos, oferece a Deus Pai a oração de toda a Família.

Branca Palinhas, Catequista

“Isso são coincidências...”

Diz a Escritura que Jesus nasceu numa gruta de Belém, porque não houve lugar para eles na pousada (Lc. 2, 7). Calcula-se que Belém foi fundada pelos cananeus cerca do ano 3.000 antes de Cristo. É mencionada nalgumas cartas enviadas pelo governador egípcio da Palestina ao faraó, por volta do ano 1.350 a. C. Depois foi conquistada pelos filisteus. Na Sagrada Escritura, alude-se pela primeira vez a Belém – que por essa altura também era chamada Éfrata: a fértil – no livro do Génesis, quando se relata a morte e sepultura de Raquel, a segunda esposa do patriarca Jacob: Raquel morreu e foi sepultada no caminho de Éfrata, quer dizer, de Belém (Gn 35, 19-20).

Mais adiante, quando se fez a repartição das terras entre as tribos do povo eleito, Belém foi atribuída à de Judá e foi berço de David, o pastorzinho – filho mais novo de uma família numerosa – escolhido por Deus para ser rei de Israel. A partir daí, Belém ficou unida à dinastia davídica e o profeta Miqueias anunciou que ali, nessa pequena localidade, nasceria o Messias. Também São João, no seu Evangelho, faz eco de qual era a opinião dominante entre os judeus do tempo de Jesus acerca da procedência do Messias: “não diz a Escritura que o Messias virá da descendência de David e da aldeia de Belém, de onde era David?” (Jo 7, 42). Contudo, é no Evangelho de São Mateus onde se cita explicitamente a profecia de Miqueias, quando Herodes reúne os sacerdotes e escribas para lhes perguntar onde havia de nascer o Messias: “em Belém de Judá – disseram-lhe – porque assim foi escrito pelo profeta: “E tu, Belém, terra de Judá, já não és a mais pequena entre as principais cidades de Judá porque de ti há de sair um Príncipe que há de reger o meu povo, Israel” (Mt 2, 5-6).

Mesmo para o não crente, esta situação deverá, no mínimo, suscitar curiosidade: dos milhares de locais em que Jesus poderia ter nascido, não é que ele nasceu no preciso local onde estava previsto que nasceria o Messias (Miqueias tinha feito essa profecia cerca de 700 anos antes)? “Foi coincidência”, dirão alguns... Mas não é que também Jesus aparece como descendente de David, tal como a escritura previra? “Isso também é coincidência. As famílias misturavam-se todas com os casamentos e, portanto ser descendente de David devia ser coisa normal.” Curioso ainda, é que Maria e José não viviam em Belém, mas sim em Nazaré. Num contexto normal não seria expectável que se tivessem deslocado a Belém (talvez sim a Jerusalém, por altura da Páscoa) e muito menos estando Maria grávida. Apesar do conhecimento médico estar muito distante do de hoje, parece do senso comum, mesmo naquele tempo, que colocar uma mulher em gestação avançada em cima de um jumento para efetuar uma viagem longa, não seria boa ideia... Foi necessário para que o casal estivesse em Belém aquando do nascimento de Jesus uma força externa: um édito do governante do povo opressor (César Augusto) para recensear aquela região. “Outra coincidência!”, poderão ainda dizer.

Não serão muitas coincidências? Talvez... Contudo, se as olharmos com fé num Deus que se vai revelando e dando a conhecer aos Homens, não poderemos nós encaixar as “coincidências” de forma fiel e sistemática de acordo com o plano profetizado de trazer o Messias ao mundo?

Abracemos hoje estas “coincidências” e não sejamos nós também incrédulos, mas crentes, pois bem-aventurados somos que, não tendo visto, acreditamos!



Francisco Antunes, Catequista

Texto baseado na preparação para o Natal do grupo do 9.º ano

Sínodo dos Bispos: os jovens, a Fé e o discernimento vocacional

Dos ecos já ouvidos e lidos do Sínodo, resulta uma certeza: é necessário fazer caminho juntos! O sínodo que decorreu em outubro teve como mote "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional". O sínodo não é um parlamento nem uma mera assembleia. O sínodo é uma fase privilegiada de um processo de reflexão e introspeção, na tentativa de ir limando e aperfeiçoando a Igreja que somos todos nós. O mundo de hoje é bastante controverso e cheio de mudanças... Algumas delas gigantes... que nos fazem (re)pensar o modo como agimos e somos...



Este mundo é também marcado pela era digital em que tudo é instantâneo, em que há muita oferta, em que há bastante informação (mas em que se requer e se exige bastante também). Este tempo que hoje vivemos é também **marcado por um ajustamento do paradigma familiar**. Há bastantes instabilidades relacionais (quer seja no casamento, na amizade...), há muitos abandonos de pessoas vulneráveis (doentes, idosos,...), há bastantes filhos que não são desejados nem

amados... Mas dentro deste mundo, que parece todo em mudança, continua a ser exigido que o jovem faça escolhas, que decida por um caminho e que o siga.

Os **jovens continuam a ser responsabilizados para tomar opções**, quer seja, em pequenas situações diárias (como por exemplo o que vestir) até grandes decisões (como por exemplo que curso tirar na faculdade; que empresa escolher para trabalhar; ou a descoberta da vocação...). Todos estes temas que descrevem e caracterizam o mundo atual não foram descurados no *Instrumento Laboris*, documento que serviu de base para os trabalhos sinodais. Foram também debatidos alguns temas que poderiam ajudar a viver neste mundo.

No documento final do sínodo e na carta que os padres sinodais escreveram são descritos alguns destes passos. Mais uma vez, é reforçado o facto de ser necessário fazer caminho e **é escolhida como passagem bíblica orientadora do documento o Caminho de Emaús**. Assim parece importante apontar a verdade através do digital, demonstrar a caridade através da família e permitir as escolhas com liberdade. Para conseguir efetivar tudo isto é muito importante o papel de acompanhar. É esta uma das ações generosas e corajosas que os mais maduros podem fazer pelos jovens... Interligando esta questão da experiência, auxiliar os jovens a prosseguir e criar um futuro... Esta questão de acompanhar/orientar tem como meio fundamental a escuta! Uma escuta:

- não apenas de audição, mas de compreensão!
- não apenas de ouvir, mas também de partilhar!
- não apenas "dos da minha idade", mas valorizando todas as gerações!
- não apenas de som, mas de sentimento!
- não apenas para responder, mas para tentar resolver!
- não apenas para passar tempo, mas para estar!
- não apenas para planos e ideias, mas também para frustrações e desilusões!
- não apenas de palavras, mas de gestos!
- não apenas de presença, mas de empatia!

Porque só com esta escuta é perceptível e possível desconstruir preconceitos e avançar ao lado de quem caminha! Porque só é assim é perceptível e possível fazer da Igreja uma família de famílias, que toca coração a coração! Porque só assim é perceptível e possível que se olhe para o horizonte e se perceba o desafio que se é chamada a realizar. Porque só assim é perceptível e possível tornar os jovens protagonistas da e na Igreja.

Texto abordado nas reflexões realizadas com o 10.º ano



Muitos são os nossos provérbios, ditados e ríffões populares. Ficam aqui apenas alguns dos muitos:

- Ande o frio por onde andar, pelo Natal cá vem parar.
- Chuva em novembro, Natal em dezembro.
- De Santos ao Natal, ou bom chover ou bem nevar.
- Depois de o Menino nascer, é tudo a crescer.
- Em dezembro nasceu Deus para nos salvar.
- Do Natal a Santa Luzia cresce um palmo em cada dia.
- Do Natal a São João, seis meses são.
- Dos Santos ao Natal é Inverno natural.
- Em dia de festa e Natal, atesta a barriga, não faz mal.
- Em Natal chuvoso até o diligente é preguiçoso.
- Entrudo borralheiro. Natal em casa, Páscoa na praça.
- Festa do Natal no lar, da Páscoa na Praça e do Espírito Santo no campo.
- Galinhas de São João, pelo Natal ovos dão.
- Laranja antes do Natal livra o cataral.
- Natal ao sol, Páscoa ao fogo, fazem o ano formoso.
- Natal em casa, junto à brasa.
- No Natal, só o peru é que passa mal.
- O ano vai mal, se não há três cheias antes do Natal.
- Pelo Natal, neve no monte, água na ponte.
- Pelo Natal, saltinho de pardal.
- Quem varejar antes do Natal, deixa azeite no olival.
- Três semanas antes do Natal, Inverno geral.
- Tudo a seu tempo e os nabos no Advento.
- Uma cama em agosto e uma ceia em Natal, quem a quer a pode dar.



A Revelação em Maria

A graça que derramou sobre nós, por seu amado Filho. (cf. Ef 1,3-6.11-12)

A história é a manifestação da graça superabundante de Deus. É uma graça recusada pelos nossos primeiros pais e acolhida pelo sim de Maria, a nova Eva. Ela gerou Aquele que A salva, o Canal da graça que A enche!

A sua humildade e obediência pela fé faz dela a Mãe do Filho do Altíssimo e a Mãe da Igreja. Ela canta o cântico do Cordeiro como solista do Advento: "Eis-me aqui, Senhor, para fazer a tua vontade!"

No sonho de Jesus Cristo todos somos Maria, geração redimida, coro de santos, assembleia sacerdotal! No sonho de cada um de nós está ainda ser filho de Adão e Eva: cobiça desobediente, aventura idólatra, egoísmo camuflado!

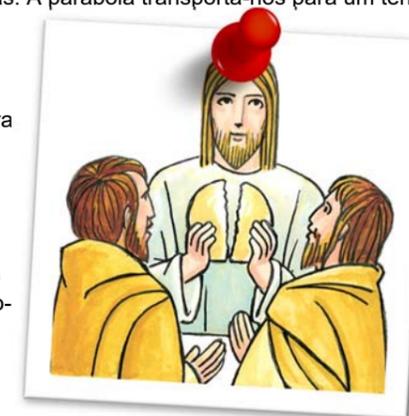
Maria desafia-nos a ser seus filhos, a viver da fé, para que Cristo possa nascer e manifestar-se hoje, por meio destes pobres instrumentos, servos da missão de Deus e peregrinos de Cristo!

Senhor, olho Maria e maravilho-me com o seu sim, mas, quando A tento imitar, tenho medo de me entregar, de Te dizer sem reservas: "Faças em mim, segundo a tua vontade!"

Quantas vezes suspendi a Tua graça e a Tua santidade, para dar um ar da minha graça e da minha liberdade?

Maria, Mãe de braços estendidos para nos dar a mão e de mãos erguidas para interceder por nós, ajuda-nos a caminhar com Cristo, fecundados pelo Espírito, para vivermos este ano missionário com humildade e ousadia!

Em Cristo temos a mediação e a plenitude da revelação, pois Ele próprio fala do que ouviu do Pai. A ação reveladora de Cristo é expressa pelo pregar. Assim, Jesus diz-nos que "O Reino dos Céus está próximo" (Mt 10), isto quer dizer que Deus está próximo, que é um Deus pessoal ou, mais do que isso, que «Deus é Pai» e está próximo de nós para que, pela fé e conversão, nos tornemos «filhos no Filho». Para chegar às pessoas, Jesus vai fazendo aproximações por meio das parábolas. A parábola transporta-nos para um terreno neutro onde se pode observar a realidade de outro modo. É uma via para o Reino de Deus que nos leva à fé e à conversão. Para falar do Reino é sempre necessário recorrer à relação: a partir dela nascem os discípulos que irão ter um papel multiplicador. Entramos na relação pela nossa relação interpessoal, é uma revolução porque o centro passa a ser a relação interpessoal que conduz à comunhão.



Foi o próprio Cristo que deu aos Apóstolos a missão de "proclamar a boa nova", "fazer discípulos" e "ensinar", prometendo o Espírito Santo para serem

suas testemunhas. Jesus elevou-se e ficou ausente aos nossos olhos. Agora os Apóstolos, pelo testemunho, vão tornar «o ausente, presente». O testemunho implica fidelidade a uma experiência e coragem para atestá-la. A passagem do tempo cronológico para o tempo da salvação dá-se pela conversão. Pelo testemunho, utilizando a expressão de S. Lucas, "Deus crescia" e era a forma de passar a mensagem daqueles que tinham convivido pessoalmente com Cristo e visto com os «olhos da fé».

Em suma, no processo de viver a fé intervém a palavra dos Apóstolos, mas também a ação iluminadora do Espírito Santo. O Apóstolo prega, mas é Deus que age interiormente pela graça, que leva a acolher a palavra e a torná-la viva e eficaz todos os dias.

Tiago Fonseca, Seminarista

10 Milhões de estrelas

Com esta iniciativa a Cáritas apresenta-se como um sinal para a vivência do Natal, momento privilegiado de encontro entre as pessoas. A vela acesa propõe-se espalhar a Luz do Natal. Ela é esperança e despertadora de consciências!



Cáritas Portuguesa

Algumas curiosidades e respostas às perguntas mais comuns sobre o Advento



Quanto ao tempo do Advento, muitos fiéis católicos têm uma compreensão baseada na sua experiência religiosa, tradicional e cultural. Liturgicamente, precisamos todos de saber mais para vivermos ainda melhor a celebração deste Tempo tão especial, à maneira de Maria e de João Baptista. Vejamos o que diz a Igreja sobre este tempo de preparação para o Natal, deixando aqui algumas questões/respostas... e curiosidades sobre o assunto.

1. Que lugar tem o Advento na celebração da nossa fé?

O Advento é um tempo no calendário litúrgico da Igreja, especificamente da Igreja Católica Romana (Latina). Isto significa que, por exemplo a Igreja Católica de rito oriental, que também está ligada ao Bispo de Roma (o Papa), tem calendário um tanto diferente.

Segundo as Normas Gerais para o Ano Litúrgico e o calendário, este tempo tem um duplo significado: em primeiro lugar é um conjunto de semanas em que nos preparamos para o Natal, celebrando a primeira vinda de Jesus Cristo; e em segundo lugar, um período que apela diretamente à fé, à mente e ao coração para aguardar "em jubilosa esperança" a última vinda de Cristo, no fim dos tempos.

O Advento é, então, um período de espera atenta e alegre, que nos lembra que nós vivemos entre a primeira e a última vinda de Cristo Salvador.

2. Quando é que começa e quando termina o Advento?

O primeiro domingo de Advento é o primeiro dia do novo Ano Litúrgico, que neste ano aconteceu a 2 de dezembro. Os três domingos de Advento restantes serão os dias 9, 16 e 23 de dezembro. Contudo, para sermos rigorosos e, porque o tempo na liturgia se conta a partir da véspera, o novo Ano Litúrgico 2018-2019 começa na tarde/noite do sábado 1 de dezembro, com as Vésperas do domingo I do Advento.

3. Por que é que na Missa não se "diz" o hino chamado "Glória"?

Na Missa, durante o Advento, não se recita o Glória porque é uma das maneiras de expressar concretamente que, enquanto dura o nosso peregrinar, falta-nos algo... para que a alegria seja completa.

Quando o Senhor já estiver presente no meio do seu povo, a Igreja poderá dar largas à sua alegria, com a Solenidade do Natal do Senhor. Então, é cantado novamente o Glória.

O Missal Romano refere que o Glória é recitado ou cantado aos domingos, exceto nos tempos litúrgicos do Advento e da Quaresma. Exceção a esta regra, durante o Advento, é a Solenidade da Imaculada Conceição (Padroeira de Portugal), em 8 de dezembro. Se ocorrer ao domingo, a Santa Sé (os serviços do Papa, no Vaticano) pode autorizar a Igreja em Portugal a celebrar a sua Padroeira, nesse dia.

À descoberta da Palavra

O ano catequético do 4.º ano tem um catecismo com o título "Tens Palavras de Vida Eterna". Com o estudo deste catecismo os meninos e meninas vão ter mais conhecimento e aprofundamento da Palavra de Deus: a Bíblia.



Assim, irão aplicar nas suas vidas o que Jesus nos ensinou para sermos felizes e termos paz.

Este ano os pais terão parte ativa nos encontros, pois existe um álbum de fichas que os meninos e meninas levam para casa.

A Festa da Palavra deste grupo está agendada para dia 24 de fevereiro de 2019. Como estamos já no mês do Advento, este grupo deseja à comunidade uma preparação cheia de amor para o nascimento do Menino Jesus.

Bom Natal!

O grupo do 4.º ano

O Presépio és tu!

O Natal és tu, quando decides nascer de novo em cada dia e deixar Deus entrar na tua alma.

A árvore de Natal és tu, quando resistes fortemente aos ventos e dificuldades da vida.

A decoração de Natal és tu, quando as tuas virtudes são as cores que embelezam a tua vida.

O sino de Natal és tu, quando chamas, envolves e convidas, congregas e procuras unir.

És também a luz de Natal, quando iluminas com a tua vida o caminho dos outros com a bondade, a paciência, a alegria e a generosidade.

Os anjos de Natal és tu, quando cantas para o mundo uma mensagem de paz, justiça e amor.

A estrela de Natal és tu, quando levas alguém ao encontro com o Senhor.

És também os reis magos, quando dás o melhor que tens sem teres em conta a quem o dás.

O presente de Natal és tu, quando és um verdadeiro amigo e irmão de todos os seres humanos.

Os cânticos de Natal és tu, quando conquistas e irradias harmonia dentro de ti.

Os votos de Natal és tu, quando perdoas e restabelesces a paz, mesmo quando sofres por isso.

A Ceia de Natal és tu, quando sacias com pão e esperança o pobre que está a teu lado.

Tu és a noite de Natal, quando, humilde e consciente, recebes no silêncio da noite o Salvador do mundo, sem ruído nem grandes celebrações; tu és sorriso da confiança e ternura na paz interior de um Natal perene que estabelece o reinado de Deus, dentro de ti.

Um bom Natal a todos os que se assemelham ao Natal.

Papa Francisco

4. Qual é a cor litúrgica deste tempo?

A cor "normal" do Advento é o roxo. Há uma exceção para o domingo III do Advento, conhecido como o domingo do *Gaudete* ["Alegrai-vos"]: o cor-de-rosa pode usar-se, onde for costume, nos domingos *Gaudete* (dom. III do Advento) e *Laetare* (dom. IV da Quaresma).



5. O Advento é um tempo penitencial (abstinências, jejuns, outras renúncias...)?

Frequentemente, pensamos no Advento como um tempo penitencial, porque a cor litúrgica é o roxo, como na Quaresma. Entretanto, segundo o cânon 1250 do Código de Direito Canónico: "Os dias e tempos de penitência na Igreja são todas as sextas-feiras do ano e o tempo da Quaresma". Embora as autoridades católicas locais (por exemplo as Conferências Episcopais) possam estabelecer dias penitenciais adicionais, esta é a uma lista dos dias e tempos penitenciais da Igreja Católica (Latina), no seu conjunto, e o Advento não aparece nela. É de louvar, porém, tudo o que neste tempo leve à partilha com os mais pobres!

É preciso dizer que o Advento é o tempo litúrgico mariano por excelência. Maria, mais que ninguém, esperou o Nascimento (Natal) do Filho de Deus e seu filho.

6. Como é que as igrejas podem ser decoradas?

A Instrução Geral do Missal Romano assinala: "No tempo do Advento ornamenta-se o altar com flores com a moderação que convém à índole deste tempo, de modo a não antecipar a plena alegria do Natal do Senhor". E "a ornamentação com flores deve ser sempre sóbria e, em vez de as pôr sobre a mesa do altar, disponham-se junto dele". Nas nossas regiões, alguns ramos de tons outonais substituem com vantagem as flores de cores mais vivas.

7. Que expressões da piedade popular (devoções) marcam este tempo?

Existem várias expressões de piedade popular que a Igreja reconheceu para serem usadas durante o Advento. Entre elas estão: novena da Imaculada Conceição, novena do Menino Jesus, Presépio, a Coroa de Advento, etc.

8. Como deve ser a música e o canto, na liturgia?



A Instrução Geral do Missal Romano assinala que, no "Advento, o uso do órgão e de outros instrumentos musicais deve ser marcado por uma moderação adequada de acordo com este tempo litúrgico do ano, sem expressar com antecipação a alegria plena do Natal do Senhor".

Os cânticos litúrgicos, mesmo de raiz popular, e tradicionais existentes entre nós marcam bem o sentido de uma alegria moderada, esperando o Nascimento de Jesus para aí rejubilar a plenos pulmões.



Pe. José Dionísio